



CATARINA DE SIENA: O ÊXTASE E A FÉ AO FEMININO SINGULAR

José do Nascimento¹

1.1 A PROCURA DE SI ESTÁ EM SI

Passaram-se alguns dias para o início dos primeiros passos, para elucubrar o que deveria materializar-se no caminho desta pesquisa. Foi lançado ao vento. Encontro-me, pois, em uma nova paragem, vejo-me no meio de névoas, como no filme *As Brumas de Avalon*, do diretor Uli Edel, 2001, baseado no *best-seller* de Marion Zimmer Bradley. E, como o caminho se faz no caminhar, para que a névoa se dissipe com o Sol, é preciso que a luz seja sentida e admirada por muitos. Ela já ressurgue no horizonte e consigo vê-la à minha frente.

Assim, principio com reflexões acerca da procura de si no Cordeiro imolado no madeiro da cruz, que foi o ideal perseguido por Catarina de Siena², com uma profunda intuição do Amor³, testemunhado com ardente paixão, em direção ao divino e ao mundo. Rejuvenescido pelo amor do eterno Amor, cada homem é, pois, um “nuovo amoré”, como definiu Dante “s'aperse in nuovi amor l'eterno Amoré⁴”. Catarina buscou fazer parte da sua existência humana na radicalidade do Evangelho, no caminho e no autoconhecimento em Deus, pois “io so' Colui che so, tu sei colei che non è”⁵.

¹ Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Josefhe34@gmail.com

² Não é para se confundir Catarina de Siena com Catarina de Alexandria, pois nasceram e viveram em tempo e espaço diferentes uma da outra. A segunda, a alexandrina, nasceu no Egito por volta do final do século IV. Uma das santas mais populares da Igreja Católica e venerada como megalomártir pela Igreja Ortodoxa, era conhecida por sua sabedoria. Por seu exemplo heróico, tornou-se hipônimo de grandes santas, como Catarina de Siena, e grandes personagens históricas, como Catarina a Grande. De família nobre e princesa por posição, era uma moça bela e culta que gostava de estudar filosofia, principalmente Platão. O Estado de Santa Catarina leva o seu nome, e sua imagem é venerada na Catedral Metropolitana, na Praça XV de Novembro. Quanto a Catarina de Siena, ver-se-á, durante o desdobramento dessa pesquisa, quem foi ela.

³ Para os gregos o termo amor denota “três palavras para o amor; cada uma denotavam um tipo especial de amor que era diferente dos outros. A palavra *storge*, por exemplo, se referia ao amor à família em particular, e à devoção e à afeição em geral. A palavra *ágape*, que o Novo Testamento corou como o tipo mais elevado de amor, denota um amor livremente oferecido, sem desejo de recompensa; na Bíblia, o amor de Deus era considerado *ágape*. A terceira palavra para o amor, com a qual estamos mais familiarizados, era Eros. Essa palavra era usada para que chamaríamos de amor erótico, e esse amor pertence à esfera de ação de Afrodite. A palavra Eros também é o nome do filho da deusa do Amor. SANFORD, A. John. *Destino, Amor e Êxtase: a sabedoria das deusas gregas menos conhecidas*. São Paulo: Paulus, 1999. p.17.

⁴ ALIGHIERI, Dante. *La Divina Commedia: Paradiso*. In: GIACALONE, Giuseppe. Canto XI, versos 37-38. Roma: Angelo Signorelli Editore, 1969. Cap.XXIX, 18, p.490.

⁵ SIENA, Caterina, Santa. *Le Lettere*. A cura di D. Umberto Meattini. Premessa di Oscar Luigi Scalfaro. Milano: Edizioni Paoline. 1980, cap.XVIII, p.18.



Desejosa de conhecer Deus em si mesma e a si mesma em Deus, para conseguir tal feito, está na presença daquele que se autodenomina Eu sou. Com tal denominação, a sienense, primeiro, adentrou em si mesma para, depois, sair de si, pois reconheceu Nele toda a potencialidade. Como Criador, Ele é; e ela, como criatura, não é, no seu nada, no seu nada humano. No *Diálogo*, Catarina pede a Suma Verdade, a ajuda:

Tu me pedes sofrimentos como reparação das ofensas cometidas contra mim pelos homens; desejas conhecer-me como suma Verdade. O caminho para atingir o conhecimento verdadeiro e a experiência do meu ser – Vida eterna que sou – é este: nunca abandones o autoconhecimento! Ao desceres para o vale da humildade, reconhecer-me-ás em ti, e de tal conhecimento receberás tudo aquilo de que necessitas⁶.

O pensamento do Nada, Aquele que é tudo, vem retomado, muitas vezes, no *Diálogo* e também no seu *Epistolário*, e dá para perceber que esse princípio se torna início, isto é, o ponto fundamental da sua doutrina. Assim, conseguiu vivenciar a *Imitatio Christi* no seu corpo e no seu espírito. Recebeu, dessa maneira, os sinais visíveis do compadecimento de Jesus na cruz: os estigmas, porém invisíveis, como uma dor no lado do peito esquerdo, igualmente sentida quando o soldado romano enfia a sua lança no peito de Jesus; dor na cabeça, em razão da coroa de espinhos; a troca do coração de Jesus, com o da sienense, que culmina com o casamento espiritual, isto é, na saúde e na alegria, mais na dor que na alegria. Trata-se de uma espécie de *alter ego*, pois é na dor que Catarina, na sua nulidade, encontra o Tudo, de onde advém a sua felicidade. Aplico, em vista disso, as palavras do salmista a Catarina: “alargais o caminho a meus passos, para meus pés não resvalarem”⁷. E ainda “eu corro no caminho dos teus mandamentos, pois tu alargas o meu coração”⁸. No Novo Testamento, encontro em Apóstolo Paulo, mais uma passagem “Eu vivo, mas já não sou eu; é Cristo que vive em mim. A minha vida presente, na carne, eu a vivo na fé no Filho de Deus, que me amou e se entregou por mim”⁹. As palavras do Salmista e de Paulo são similares para a Benincasa e a revelação de Deus, a deidade, conduz ao drama fundamental do crente. Na Carta 75, que foi enviada a dois mosteiros: o de Santo Gaggio, em Florença, das monjas agostinianas, e ao Monte San Savino para a Abadessa e às monjas do mosteiro beneditino, encontro o conteúdo que faz exortação às monjas, para que sejam humildes e pobres como Jesus o foi. Isso se dá porque a abadessa Nera, do mosteiro de Santo Gaggio morre e vem eleita uma nova Superiora. Nas palavras de Catarina, a falecida já se encontra com Deus, num lugar de descanso e repouso, e

⁶ SIENA, Catarina, Santa. *O Diálogo*. Tradução João Alves Basílio. São Paulo: Paulus, 2008, 2.3, p.31.

⁷ BÍBLIA de Jerusalém. 10ª.ed. Tradução de Gilberto da Silva Gorgulho et al. São Paulo: Paulus, 2001, Sl. 18, 37, p.964.

⁸ BÍBLIA de Jerusalém, Op. cit. Sl. 108, 32, p.1084.

⁹ Idem. Gl. 2, 20, p.2190.



saiu dessa terra para algo superior. O plano terrestre é, para ela, um peregrinar e a alma anseia para se encontrar com o seu Amado. Assim escreve Catarina:

Digo pois que Nera foi ao encontro da bondade eterna de Deus, nem tem que procurar outros lugares. A suprema e eterna Divindade é o ponto definitivo e estável; nele está o leito para o descanso da alma¹⁰.

Se a deidade se encontra em um “lugar” fixo e estável, as almas se encontrarão nesse suposto “não-lugar”? Já o homem, o *Imago Dei*, imagem de Deus, na concepção dos Padres da Igreja e dos Escolásticos, no plano terrestre, é peregrino e instável. Isso me remete, portanto, ao mundo da percepção: ela significa mudança de forma, de olhar, como vem observado, e há a mudança interna e externa, que está acontecendo a cada minuto. Nesse sentido, “a relação que o homem tem consigo mesmo não é uma relação de coincidência imediata como o próprio ser, mas uma relação que deve realizar um longo caminho que passa por três vias: o próximo, o mundo e Deus¹¹”. Não se é, portanto, a mesma pessoa que se era há um minuto. O que se era já foi; o que virá, por certo, estará para acontecer, pois o homem não entra neste mundo como obra finita, acabada, mas sim como aquela que se constrói a cada momento, a cada segundo.

Em relação ao entrar em si para depois sair de si, Marilena Chauí afirma que “[...] tomar a experiência como iniciação ao mistério do mundo significa reconhecer que o sair de si é o entrar no mundo. Resta saber, no entanto, como e por que esse entrar no mundo é também nossa volta a nós mesmos¹²”. Nessa perspectiva, a ação de sair de si mesmo e ver o outro, seja pelos artefatos construídos pelo ser humano, seja pela natureza, faz com que o visitante/morador busque, no subconsciente, toda a sua bagagem empírica e emocional que, por sua vez, volta para si, mas em nível diferente. Isso ocorre porque a ação de sair e retornar cria um terceiro ente (elemento). Para Ronald H. Forgas, “[...] de modo geral, a percepção pode ser definida como o processo pelo qual um organismo recebe ou extrai informações acerca do ambiente¹³”.

Nesse contexto, a experiência do outro traz consigo todo um valor imanente para o seu interlocutor; logo, “perceber o percebido” se torna novo e cumpre com a razão do que foi criado, ou seja, especular em ir ao encontro de si mesmo, porque o percebido está ali e não se percebem por razões e questões que se desconhece, como o chamado ponto zero, por exemplo, na pintura. Ou até mesmo, na vida diária, um vaso que se encontra em um determinado lugar: está ali e vem uma

¹⁰ SIENA, Catarina, Santa. *Cartas Completas*. Tradução João Alves Basílio. São Paulo: Paulus, 2005. CARTA 75, p.255-256.

¹¹ MONDIN, Battista. Definição filosófica da pessoa humana. Tradução Ir. Jacita Turolo Garcia. 2ª ed. Bauru, SP: EDUSC, 1995, p.8.

¹² CHAUI, Marilena de Souza. Experiência do pensamento. In: _____. *Obra de arte e filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p.166.

¹³ FORGUS, R. H. *Percepção: o processo básico do desenvolvimento cognitivo*. São Paulo: EPU, 1981, p.3.



terceira pessoa morar na casa; ela não viu o proprietário colocar o objeto ali, mas se encontra no mesmo lugar que foi colocado e, de repente, após alguns meses, a nova hóspede vê o vaso e se admira. Nesse caso, Blanchot dá a seguinte pista “[...] o que vem ao meu encontro não é que eu seja um ponto menos eu mesmo, é que existe ‘atrás do eu’, o que o eu dissimula para ser em si” (1987, p.253). E continuando o olhar blanchotiano, tomo como exemplo a obra-prima “As damas de Companhia”, de Diego Velásquez, sobre a qual Michel Foucault lança um olhar e afirma o seguinte:

Olhamos um quadro de onde um pintor, por sua vez, nos contempla. Nada mais que um face a face, olhos que se surpreendem, olhares diretos que, se cruzando, se contrapõem. E, no entanto, essa tênue linha de visibilidade em contrapartida envolve toda uma complexa trama de incertezas, trocas e esquivas. O pintor só dirige os olhos para nós na medida em que nos encontramos no lugar do seu motivo. Nós, espectadores, estamos a mais. Acolhidos por esse olhar, somos caçados por ele, substituídos pelo que esteve o tempo todo diante de nós: pelo próprio modelo. Mas, inversamente, o olhar do pintor, dirigido fora do quadro ao vazio que tem diante de si, aceita tantos modelos quantos espectadores lhe chegam; nesse lugar preciso, mas indiferente, aquele que olha e o olhado se permutam sem cessar¹⁴.

Dessa forma, fazer-se visitante onde o Eu e o eles, tanto de Blanchot como de Foucault, fixam os olhares na obra de arte é uma experiência ímpar; e, com tal ação de olhar, ela absorve o Eu de quem admira a peça e eles, o interlocutor e a obra, transformam-se em um terceiro olhar. Desse algo transformado, faz-se uma experiência fora de si, no olhar; ela sai de si e vai para o próximo. Entra, pois, nessa materialidade do sobrenatural como uma ponte entre o Eu e a obra; nesse vácuo de distância se unem, e se tem a experiência do vivido do interlocutor. E desaparece como uma visão além da realidade para um renascimento, em um nascer de novo. Nesse caso, tem-se a personagem Ulisses, na Odisseia, que

[...] manda due uomini, cui aggiunge l’araldo a chiedere ospitalità e aiuto. I tre uomini scompaiono nel nulla. Sono nella terra dei tofagi, i mangiatori di loto, “mangiano il cibo dai fiori”: il loto. Nell’antico Egitto il fiore di loto era conosciuto per la sua molteplici virtù, per lo più associate all’idea di rinascita¹⁵

A percepção significa, pois, mudança de forma; não só isso, mas é inevitável e está acontecendo a cada minuto. Assim, ao comer a flor de lótus, inebria-se e vai ao encontro de si, do seu mundo idealizado; com isso, traveste-se de uma outra pessoa. Come-se algo para dar passagem a essa percepção. Afinal de contas não se é, portanto, a mesma pessoa que se era um minuto atrás. O que se era, já foi; o que virá, por certo, estará para acontecer.

1.2 O teatralização da fé

¹⁴FOUCAULT, Michel. As damas de companhia. In: MOTTA, Manoel Barros da (Org.). *Michel Foucault – Estética: literatura e pintura, música e cinema*. Tradução de Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2001, p.195-196.

¹⁵ TERZAGHI, Nicola. *Miti e legende: Del mondo Greco-romano*. Messina-Firenze: Casa editrice G. D’Anna, 1960, p.137.



Sai-se, portanto, do meio tangível, que é o caso da flor de lótus, e vai-se a um ‘ambiente’ da fé, do intangível, que é o caso da busca do sagrado mediante a consagração total do seu ser para Deus. Catarina acredita, por conseguinte, que é doce e suave ser consagrada, pois

Tu me pedes sofrimentos como reparação das ofensas cometidas contra mim pelos homens; desejas conhecer-me como suma Verdade. O caminho para atingir o conhecimento verdadeiro e a experiência do meu ser – Vida eterna que sou – é este: nunca abandones o autoconhecimento! Ao desceres para o vale da humildade, reconhecer-me-ás em ti, e de tal conhecimento receberás tudo aquilo de que necessitas¹⁶.

Observo que é o caso do ascetismo em busca do intangível. Isso se faz presente desde os primeiros séculos do Cristianismo, uma vez que ser cristão era sinônimo de martírio e perseguição. Havia, pois, o anulamento de si por completo, o qual era consciente, eminente, percebido, vivencial e esperado. Por essa linha de pensamento, Frei Beto e Leonardo Boff, no livro *Mística e Espiritualidade*, afirmam o seguinte:

[...] estabeleceu-se o paralelo. Não havia a tortura, mas sim a caverna. Não havia o demônio, mas a tentação. Não havia a tortura, mas a mortificação. Não havia a morte, que é batismo de sangue, mas o êxtase, que é capaz de nos levar, neste mundo, a uma proximidade com o divino, o transcendente, a Trindade¹⁷.

Assim, o surgimento do monacato dentro da tradição cristã, em razão da adaptação da Igreja Católica¹⁸ ao Império Romano, era uma forma de questionamento da falta de austeridade dentro da instituição emergente. Tal movimento se exprime pelo viés da procura do Amado e por uma obsessão pelo prazer *ágape*, o banquete, em sentir e perceber Deus. Várias figuras foram representativas para dar corporeidade ao amor; e, dentro desse emaranhado, temos o monge, o cavaleiro, o agricultor, o intelectual, o artista, o mercante, a mulher, o santo, o marginalizado. Com isso, incluo algumas figuras do fascinante mundo medieval, as quais podem ser consideradas os vultos mais significativos que fizeram parte da grande teatralização do sagrado nesse período. Isso se deu em razão de duas novas forças: o Cristianismo e o Germanismo, como valores ideológicos mais expressivos da civilização grego-romana. O individualismo, o espírito guerreiro, o culto à mulher e outros aspectos do costume germânico se fundiram com a tradição jurídica e política de Roma e com o espiritualismo cristão, enquanto a cultura clássica, filosófica, científica e literária fecundou e enriqueceu a Idade Média. É exatamente a ação do catolicismo, em relação aos bárbaros e romanos, que contribuiu para afunilar a questão organizacional da Europa medieval. Le Goff

¹⁶ SIENA, Catarina, Santa. Op. cit. p.31.

¹⁷ BETTO, Frei; BOFF, Leonardo. *Mística e Espiritualidade*. 6.ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Garamond, 2005. p.88.

¹⁸ O clero da Igreja Católica é dividido em dois gêneros: secular e regular. Secular é aquele incardinado em uma Igreja Particular, em uma figura jurídica reunida em torno de um Bispo (Arquidiocese, Diocese, Administração Apostólica, Prelazia Territorial, Prelazia Pessoal e outros). Regular, por sua vez, é o clero incardinado em um instituto de vida consagrada ou em uma sociedade de vida apostólica; e que, portanto, vive sob uma regra, regula, em latim; daí, "regular". Padre secular é, por conseguinte, sinônimo de padre diocesano, assim como padre regular é sinônimo de padre religioso (por estar em um instituto religioso ou semelhante).



descreve que “o mundo medieval resulta do encontro e fusão destes dois mundos [romano e bárbaro] que se interpenetravam, da convergência das estruturas romanas e das estruturas bárbaras em formação¹⁹”.

Enquanto o Império Romano entra em decadência, uma nova força, o Cristianismo, surge e substitui gradualmente aquele. Tornou-se, assim, a religião oficial do Império Romano, no século IV; mas, até então, vivia na clandestinidade. Com o fim das perseguições aos cristãos, encontrou condições favoráveis para a sua propagação. Tal se deu mediante o Edito de Milão, de 313 d.C., no qual era concedida a liberdade de culto; o Concílio de Nicéia (325 d.C), primeiro concílio ecumênico ou universal, presidido pelo imperador Constantino, zelante protetor, fixou o Credo Apostólico²⁰ e a condenação de Ário (256-336); e o Edito de Tessalônica, de 380 d.C., sob o Imperador Teodósio I, oficializou, no mesmo ano, o Cristianismo como Religião do Estado e, desse modo, passou a ser reconhecido como a única religião do Império. Em 445, sob o pontificado de Leão I (440-461), é reconhecida oficialmente pelo Estado a autoridade suprema do bispo de Roma, isto é, o Papa. Com esse Concílio, e até mesmo anterior a ele, não se

[...] havia tornado claro o projeto de poder temporal no qual se integraria a Igreja depois do Concílio de Nicéia, convertendo seu universalismo originário em uma tentativa de imperialismo de caráter espiritual e político ao mesmo tempo, no qual a fé se aproximaria perigosamente do cumprimento escrito daquelas normas e costumes dos cultos nacionais Greco-romanos²¹.

Desse novo modo de administrar a Igreja, por um sentimento essencialmente mundano de universalismo e exclusividade e antepondo o que se foi pregado, a Igreja se afasta, no entanto, da fase inicial e, cada vez mais, as ideias sociais das primeiras comunidades ficam como um projeto idílico. Assim, se olhar para o passado, o povo de Israel teve, no deserto, a experiência mais significativa de sua entrega, pela fidelidade a Adonai, e por mais de quarenta anos vagou até encontrar a Terra Prometida, guiado por Moisés e depois por seu irmão Arão. De fato, para a Tradição Católica, o deserto passou a ser, inclusive, um símbolo de revelação, de liberdade, de pureza, de interiorização para repelir os desejos sexuais. É uma maneira de imitar os mártires e, assim, vivenciar o seu ideal. Nesse contexto, vejo o idealismo dos primeiros monges, como protótipo do novo Adão, ligado à realidade do mundo das ideias, de Platão, das formas inteligíveis,

¹⁹ Le Goff, Jacques. *Il corpo nel Medioevo*. Roma: Bari, 2005, p.33.

²⁰ Creio em Deus Pai, Todo-poderoso, Criador do Céu e da terra. Creio em Jesus Cristo, seu único Filho, nosso Senhor, o qual foi concebido por obra do Espírito Santo; nasceu da virgem Maria; padeceu sob o poder de Pôncio Pilatos, foi crucificado, morto e sepultado; ressurgiu dos mortos ao terceiro dia; subiu ao Céu; está sentado à direita de Deus Pai Todo-poderoso, donde há de vir para julgar os vivos e os mortos. Creio no Espírito Santo; na Santa Igreja Universal; na comunhão dos santos; na remissão dos pecados; na ressurreição do corpo; na vida eterna. Amém.

²¹ ATIENZA, Juan G. *Os santos Pagãos: deuses ontem, santos hoje*. Tradução de Paulo J. B. San Martin. São Paulo: Ícone, 1995, p.167-168.



acessíveis apenas à razão. O intento foi a subjetividade, a Graça e esta vem desse emaranhado na busca da encarnação do Verbo e no nascimento de Jesus. Rubem Alves descreve que, no contexto medieval, a maioria das pessoas estava imbuída e predestinada a

[...] ver e ouvir as coisas do mundo religioso, e a conversa cotidiana, este tênue fio que sustenta visões de mundo, confirmava, por meio de relatos de milagres, aparições, visões, experiências místicas, divinas e demoníacas, [...] por detrás e através de cada coisa e cada evento, se esconde e se revela um poder espiritual²².

E, por outro lado, eram poucos os que não acreditavam; logo, abismavam-se pela própria incredulidade. Cabe destacar que o contexto medieval no qual a Benincasa está envolvida e integrada, é rico de simbologia e de suas peculiaridades, como “o patrimônio, da terra, da tradição do sangue, do trabalho servil e do saber contemplativo²³”. Na Carta 273 Catarina escreve a Raimundo de Cápua e o estimula a ser corajoso no sangue de Jesus. Suas palavras são as seguintes:

Em nome de Jesus Cristo crucificado e da amável Maria, diletíssimo e caríssimo pai e meu filho querido em Jesus Cristo crucificado, eu Catarina, serva e escrava dos servos de Jesus Cristo, vos escrevo recomendando-me no precioso sangue do Filho de Deus, desejosa de vos ver mergulhado e afogado nesse sangue empastado na chama do seu amor²⁴.

Se, no martírio dos primeiros séculos, há radicalidade do compromisso do Evangelho, com o estreitamento entre Igreja e Estado, a brisa primaveril de ser cristão decai, ainda que surgissem ilhas ao longo da história que voltassem para o refrigerio. Por essa razão, Catarina convida seu discípulo Raimundo de Cápua a banhar-se no sangue de Jesus, pois, no banho do Agnus Dei *qui tolis peccata mundi*, será possível a entrega total e irrestrita e sem medo de doar-se. Aqui, Santa²⁵ e Doutora²⁶,

²² ALVES, Rubem. *O que é religião*. 8ª.ed. São Paulo: Abril Cultural;Brasiliense, 1984, p.7-8.

²³ MORAES, Maria Célia M.; FROTA, Paulo Rômulo. Calculando com Galileu: os desafios da ciência nova. *Revista Educação – Cadernos de Educação Especial*, Santa Maria: UFSM, v.2, n.16, p.1, 2000. Disponível em: <<http://coralx.ufsm.br/revce/ceesp/2000/02/a8.htm>>. Acesso em: 14 ago. 2009, p.2.

²⁴ Siena, Catarina. Op. cit. p.901.

²⁵ Para um santo ser declarado como tal, na Igreja Católica, é necessário seguir o trâmite dentro da cúria romana. Inicia-se a preparação de três documentos: o *Summarium*, a *Positio* e o *Informatio*. *Summarium* é um elenco dos depoimentos das testemunhas dos dois processos, o Informativo ou Ordinário e o Cognicional ou Apostólico, apresentado ordenadamente. *Positio*, por outro lado, é uma biografia documentada, cronologicamente, que constitui a vida terrena do Servo de Deus em todas as suas circunstâncias. E o *Informatio* é a apresentação das suas virtudes, delineando o seu perfil espiritual. (CANDIDO, Edinei da Rosa. *O milagre do Amor: vida, milagre e beatificação de Madre Paulina*. Florianópolis: Papa-livro, 1991, p.72). Beatificação significa que a pessoa viveu sua vida de acordo com a proposta do Evangelho, de maneira exemplar. Nada se descobriu de contradição entre fé e vida. O fato, depois de estudos meticulosos sobre a vida da pessoa, deve ser corroborado por um autêntico milagre reconhecido como tal por rigoroso exame do caso apresentado. É o primeiro passo para a declaração maior, a canonização, com dois milagres reconhecidos oficialmente. Canonização significa que a pessoa está incluída oficialmente na lista (cânone) dos santos da Igreja”. A celebração da beatificação é a declaração pública e oficial da Igreja de que o/a santo/a tem todas as condições requeridas para chegar à canonização. Assim, abre-se outro processo que exige novo milagre. Segundo BARONE, Giulia; LONGO, Umberto. *La Santità Medievale: Il timone bibliografico*. Roma: Jouvence, 2006, p.24-25, o termo “*sanctus* non nasce con il cristianesimo, ma era già usato nel mondo antico, *sanctus* era un titolo onorifico che poteva essere connesso a chi si occupava del sacro, ma che comprendeva una sfera di significati semantici più complessa e articolata. Il fenomeno della santità quale noi comunemente lo intendiamo è tuttavia essenzialmente cristiano e, dunque, riguarda in particolare le regioni dove si è affermato il cristianesimo. [...] Se la santità conosce nel medioevo alcune tappe fondamentali della tarda antichità e del primo medioevo, con l’estensione del concetto di santità dai mertiri ai



Catarina Benincasa, denominada da cidade de Siena, na sua dedicação ao Magistério e à Tradição da Igreja Católica, demonstra que sua vida não fora danosa; há, contudo, seres iluminados que, independentemente do modelo de vida que levaram ou a que estiveram atrelados, conseguem transcender. Para ela a Igreja é, todavia, o caminho que leva para ao encontro do sobrenatural, “[...] se tu se’ contra alla Chiesa santa, come potrai partecipare il sangue del Figliuolo di Dio? Che la Chiesa non è altro, che esso Cristo [...]”²⁷. Isto é, “[...] se és inimigo as santa Igreja, como poderás participar do sangue de Cristo? De fato, a Igreja nada mais é do que o próprio Cristo, [...]”²⁸. A Igreja teve, portanto, o papel unificador e era o lugar de onde se fazia a experiência do sagrado, mediante o entrelaçamento de si e a da instituição religiosa. Nessa, há um agente sacralizador que determinava se a experiência feita pelos leigos²⁹ era legítima ou fruto da imaginação do maligno ou não. E se é o seu Esposo e o seu Amado: Cristo se manifestava nos visionários. Mas, no caso da

confessori, fino alla sua istituzionalizzazione con lo sviluppo e il disciplinamento del processo di canonizzazione nel XIII secolo [...]”.

²⁶ Doutor da Igreja Católica (em latim *doctor ecclesiae*) significa que foi um teólogo cujos pensamentos, escritos e forma de vida, para a Igreja romana, na sua generalidade, progrediram de forma excepcional. Todos eles foram considerados modelos de santidade, e tal título é atribuído quer por um Papa, quer por um concílio ecumênico, embora nenhum concílio tenha jamais exercido essa prerrogativa; trata-se de uma honra rara. A igreja conta com trinta e três doutores *ecclesiae* entre os seus múltiplos santos, atribuídos apenas a título e após a canonização. A lista tem vindo a engrossar; os três mais recentes doutores da Igreja datam dos últimos quarenta anos e são mulheres: Catarina de Siena e Teresa de Ávila, Teresinha do Menino Jesus. Há de notar-se, ainda, que, dos atuais Doutores da Igreja, apenas Catarina de Siena era leiga, sendo os demais todos presbíteros, papas, bispos, diáconos ou religiosos. Vede DROBNER, Hubertus R. Manual de Patrologia. Petrópolis: Vozes, 2003, p.11.

²⁷ SIENA, Caterina, Santa. *Le Lettere*. A cura di D. Umberto Meattini. Premessa di Oscar Luigi Scalfaro. Milano: Edizioni Paoline. 1980. CARTA 171, p.463.

²⁸ SENA, Catarina, Santa. *Op.cit.* CARTA 171, p.555-556.

²⁹ É importante ressaltar que a “problemática de leigos e leigas na estrutura da Igreja, é possível dizermos que este não é um termo ausente da tradição bíblica. Leigo, que vem do grego *laikós*, significa aquele ou aquela que pertence ao povo ou provém dele; também pode ser alguém não oficial, civil, comum. É um adjetivo derivado de *Laos*, povo, um termo presente tanto no AT quanto no NT. É, portanto, aquele que pertence ao povo de Deus, herdeiro da aliança e beneficiário da promessa de salvação. A primeira vez que o termo leigo (*laikós*) aparece oficialmente é numa carta de Clemente Romano (+ c.de 102) ao coríntios, para designar o simples fiel e distingui-lo do diácono e do presbítero. Mas, uma divisão de classes no interior da Igreja só viria a acontecer mais tarde quando, sob a influência do pensamento platônico, Inácio de de Antioquia (+ c. de 110) e Cipriano (+ 258) apresentam a hierarquia como um reflexo da ordem divina. Nessa concepção, as tarefas ministeriais aparecem como representações de deus e de Jesus Cristo (direção de culto, o esforço por garantir a unidade eclesial, o poder ministerial de perdoar pecados que surgiu no século II) Com o passar do tempo, em todo o cristianismo antigo, o termo leigo (*laikós*) passou a designar todos os batizados que não exerceram função alguma na hierarquia eclesiástica. Isso pode ser testemunhado na literatura patrística inteira. Latina e Greco-oriental, o que não impediu que, desde a idade apostólica até o século VIII, o termo tenha assumido característica e acentuações diferentes, conforme os autores, ou períodos geoculturais em que seu uso é registrado. Já no NT o significado e o papel não estão totalmente caracterizados. As Epístolas referenciam diferentes categorias de fiéis (viúvas, órfãos, escravos, cônjuges etc). Além de Clemente Romano, também Policarpo de Esmirna (+167), na sua carta aos Filipenses, propõe ensinamentos para outros grupos de fiéis (esposas, maridos, viúvas, diáconos, diaconisas, jovens, virgens e presbíteros). Porém, este termo tronou-se corrente somente a partir do século III, com as categorias sendo canonizadas em “ordens”. Gregório Magno (540-604), quase no final da era patrística, faz a sistematização definitiva às três ordens de fiéis: pastores (sacerdotes), continentes (religiosos) e *coniugati* (leigos). Sem dúvida, isto levou à formação do pleno sacerdócio ministerial (episcopado monárquico, presbítero). De certa forma, se conclui na organização da Igreja proposta por Hipólito (c.160-235) no século III. A tensão que antes era extraeclesiais, namedida em que o cristianismo vai se consolidando como religião institucional. KUZMA, Cesar. *Leigos e leigas: força e esperança da Igreja no mundo*. São Paulo: Paulus, 2009. p.53-54.



Virgem de *Siena*, adentra-se no seio do patriarcado e, conseqüentemente, no mundo cristão, porque eles legitimam as visões, o ascetismo e tantos outros processos de sentir e ver Deus, como uma força vigorante e fresca, sincera e determinada. Assim, torna-se água cristalina que desce das montanhas para beijar as margens dos rios e desaguar no imenso oceano da alma, independentemente se o sujeito feminino se constitui enquanto promove a ruptura com modelo tradicional. É nesse ponto que se encontra a genialidade cateriniana, pois ela não se afasta do centro do patriarcalismo, não rompe; apenas agrega, costura. Enfocarei como se deu essa questão da misoginia, com mais profundidade, no quarto capítulo.

Bibliografia

- ALIGHIERI, Dante. *La Divina Commedia: Paradiso*. In: GIACALONE, Giuseppe. *Canto XI, versos 37-38*. Roma: Angelo Signorelli Editore, 1969.
- ALVES, Rubem. *O que é religião*. 8ª.ed. São Paulo: Abril Cultural;Brasiliense, 1984.
- ATIENZA, Juan G. *Os santos Pagãos: deuses ontem, santos hoje*. Tradução de Paulo J. B. San Martin. São Paulo: Ícone, 1995.
- BARONE, Giulia; LONGO, Umberto. *La Santità Medievale: Il timone bibliográfico*. Roma: Jouvence, 2006.
- BETTO, Frei; BOFF, Leonardo. *Mística e Espiritualidade*. 6.ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.
- BÍBLIA de Jerusalém. 10ª.ed. Tradução de Gilberto da Silva Gorgulho et al. São Paulo: Paulus. 2001.
- BLANCHOT, Maurice. *O espaço literário*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.
- CANDIDO, Edinei da Rosa. *O milagre do Amor: vida, milagre e beatificação de Madre Paulina*. Florianópolis: Papa-livro, 1991.
- DROBNER, Hubertus R. *Manual de Patrologia*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- FOUCAULT, Michel. As damas de companhia. In: MOTTA, Manoel Barros da (Org.). *Michel Foucault – Estética: literatura e pintura, música e cinema*. Tradução de Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2001.
- FORGUS, R. H. *Percepção: o processo básico do desenvolvimento cognitivo*. São Paulo: EPU, 1981.
- KUZMA, Cesar. *Leigos e leigas: força e esperança da Igreja no mundo*. São Paulo: Paulus, 2009.
- Le Goff, Jacques. *Il corpo nel Medioevo*. Roma: Bari, 2005.



CHAUÍ, Marilena de Souza. Experiência do pensamento. In: _____. *Obra de arte e filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

MONDIN, Battista. Definição filosófica da pessoa humana. Tradução Ir. Jacita Turolo Garcia. 2ª ed. Bauru, SP: EDUSC, 1995.

MORAES, Maria Célia M.; FROTA, Paulo Rômulo. Calculando com Galileu: os desafios da ciência nova. *Revista Educação – Cadernos de Educação Especial*, Santa Maria: UFSM, v.2, n.16, p.1, 2000. Disponível em: < <http://coralx.ufsm.br/revce/ceesp/2000/02/a8.htm> >. Acesso em: 14 ago. 2009.

SANFORD, A. John. *Destino, Amor e Êxtase: a sabedoria das deusas gregas menos conhecidas*. São Paulo: Paulus, 1999.

SIENA, Catarina, Santa. *O Diálogo*. Tradução João Alves Basílio. São Paulo: Paulus, 2008.

SIENA, Catarina, Santa. *Cartas Completas*. Tradução João Alves Basílio. São Paulo: Paulus, 2005.

SIENA, Caterina, Santa. *Il Dialogo*. Tradução al edizione critica Giuliana Cavallini. Roma: Edizioni Cateriniane. 1980.

SIENA, Caterina, Santa. *Le Lettere*. A cura di D. Umberto Meattini. Premessa di Oscar Luigi Scalfaro. Milano: Edizioni Paoline. 1980.

TERZAGHI, Nicola. Miti e legende: Del mondo Greco-romano. Messina